

A Vênus e seu corpo histórico nas obras de arte

M. J. M. de CASTRO¹ e C. R. ALMEIDA²

¹ Formado em Artes Plásticas pela Escola Panamericana de Artes. Docente na Escola Panamericana de Artes. Graduando em Artes Visuais no Centro Universitário Ítalo Brasileiro.

E-mail: marcelodecastro3@gmail.com

² Mestre em Fundamentos da Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Especialista em Pesquisa Educacional pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER), Docente do curso de Pedagogia do Centro Universitário Ítalo Brasileiro.

E-mail: claudiareginaalmeida2012@gmail.com

COMO CITAR NO ARTIGO:

CASTRO, M. J. M.; ALMEIDA, C. R. . **A Vênus e seu corpo histórico nas obras de arte**. UNIÍTALO em Pesquisa, URL: www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html. São Paulo SP, v.8, n.4, p. 180-197, out/2018.

RESUMO

Cada momento histórico da caminhada do homem pela humanidade revela questões sociais, culturais, políticas e econômicas próprias. As representações do corpo não escapam dessa lógica, uma vez que elas são produzidas socialmente. Nas obras de arte percebem-se diversas concepções de corpo e um aspecto que nos chamou atenção foi a representação corporal das Vênus pintadas ou esculpidas por diversos artistas ao longo do tempo. Considerando o exposto, o objetivo deste estudo foi analisar as concepções de corpo presentes nas obras de arte que representam a Vênus, deusa do amor e da beleza. Para a efetivação da análise, primeiramente foram selecionadas algumas obras de arte que representam a Vênus. Após essa etapa foi realizada a interpretação das representações corporais das diversas Vênus, bem como sua relação com o contexto histórico de cada obra. Concluiu-se que um aspecto importante nas obras de arte é o conteúdo social presente no fazer artístico. A dimensão histórica do corpo na produção artística, qual seja a condição de produção das obras de arte é determinante para a representação corporal retratada, pois as imagens do corpo são resultado de uma construção social. Definitivamente suas características artísticas sofreram influências dos complexos culturais sociais e econômicos de cada período.

Palavras-chave: Arte; Vênus; Corpo.

ABSTRACT

Every historical moment of man's journey through humanity reveals his own social, cultural, political, and economic issues. The representations of the body do not escape this logic, since they are produced socially. In works of art different conceptions of body are perceived and an aspect that called us attention was the corporal representation of the Venus painted or sculpted by several artists over time. Considering the above, the objective of this study was to analyze the body conceptions present in works of art that represent Venus, goddess of love and beauty. To carry out the analysis, we first selected some works of art that represent Venus. Finally, the research compared the body representations of the Venus of different artists and epochs. It was concluded that an important aspect in works of art is the social content present in the artistic work. The historical dimension of the body in artistic production, whatever the condition of production of works of art, is decisive for the portrayed body representation, since the images of the body are the result of a social construction. Their artistic characteristics have definitely been influenced by the social and economic cultural complexes of each period.

Keywords: Art; Venus; Body.

INTRODUÇÃO

Cada momento histórico da caminhada do homem pela humanidade revela questões sociais, culturais, políticas e econômicas próprias. As representações do corpo não escapam dessa lógica, uma vez que elas são produzidas socialmente. Desse modo podemos entender essas representações como uma necessidade de materializar formas que retratam experiências vividas, intenções e lembranças influenciadas por circunstâncias culturais e sociais.

Desde os primórdios da humanidade o corpo assume um caráter importante da vida das pessoas e se considerarmos que “uma imagem vale mais do que mil palavras” podemos pensar na questão da figura do corpo numa obra artística representar bem mais que a questão biológica. Nas obras de arte percebem-se diversas concepções de corpo e um aspecto que nos chamou atenção foi a representação corporal das Vênus pintadas ou esculpidas por diversos artistas ao longo do tempo. Ela representou, pela primeira vez na história dos homens, o amor e a beleza, sendo assim considerada um arquétipo, ou seja, o modelo original ou imagem inicial de algo.

Analisando pelo viés estético pode-se perceber que representava o ideal de beleza feminina, a perfeição. Numa segunda instância, observa-se que ela também é ícone da atração erótica, da sensualidade, da sexualidade e da química entre os amantes. Historicamente ela se constitui como personagem da Idade Antiga (4000 a.C. a 476 d.C.). Mais que uma simples personagem, ela era uma divindade, deusa do panteão romano e estava entre uma das mais veneradas entre os antigos.

Mesmo tratando Vênus como personagem histórica, vale aqui ressaltar o aspecto do mito que dá origem a nossa personagem, A versão mais aceita e difundida é a de que ela foi gerada pelas espumas do mar da Ilha de Chipre (Grécia) e nasce de dentro de uma concha de madrepérola. Em Roma essa deusa era denominada Vênus, mas na Grécia era chamada de Afrodite (que vem de do grego aphros – significado de espuma).

Na arte de uma maneira geral, a Vênus possui muitas formas de representação, desde a clássica greco-romana até às modernas renascentistas, chegando às contemporâneas de Picasso, Salvador Dali, entre outros ícones da pintura.

A Vênus e seu corpo histórico nas obras de arte

Os estudos desenvolvidos por Carmen Lúcia Soares (2002) mostram claramente que o corpo é educado a todo o momento e essa educação se reflete também pelas imagens corporais apresentadas na sociedade. Dentre as diversas imagens possíveis encontramos aquelas expostas nas obras de arte.

As palavras de Milton José de Almeida que compõe o prefácio do livro “Imagens da Educação no Corpo” de Carmem Lúcia Soares destacam-se no sentido de evidenciarem que *“os significados das imagens são também os significados de como elas se mostram. E aí as imagens tornam-se signos. Então, também se lê uma imagem. Uma imagem é um texto.”* (ALMEIDA apud SOARES, 2005, p.21).

Assim, o material (artístico) é algo historicamente condicionado. Tudo o que entra na composição de uma obra passa pelo modo como a percepção histórica do artista está enformada pelo espírito da sua época (FREITAS, 2003, p.42)

Para reforçar essa ideia, apoiamo-nos nas palavras de Bento ao refletir que o corpo, enquanto construção cultural das sociedades permite que dele nos apropriemos como meio de estudo para percebermos melhor a própria sociedade em questão, tanto nos seus temas mais atuais, quanto nas suas tradições e tendências, pois a sua simples forma pode conduzir-nos à própria história do homem (BENTO apud MIRANDA, 1999).

A Vênus da Idade Primitiva

Figura 1: Vênus de Lespugue. Autor desconhecido (26 000 a 24



000 a.c)

Fonte: www.portaldaarte.com.br

Figura 2: Vênus de Willendorf. Autor: Desconhecido (28 000 e



25 000 anos)

Fonte: www.portaldaarte.com.br

Figura 3: Vênus de Laussel. Autor desconhecido (28 000 e 25 000 anos)



Fonte: www.portaldaarte.com.br

Figura 4: Vênus de Kostenki. Autor desconhecido (30000 e



15000 a.C.)

Fonte: www.portaldaarte.com.br

A idade primitiva compreende o período da história que vai das origens do homem até 4000 a.C. O evento que marca seu início é a origem da espécie humana. A principal atividade dos homens desse período era a sobrevivência e o corpo desempenhava práticas para o alcance desse objetivo, ou seja, tinha um caráter utilitário. As análises realizadas por Silva (1994) revelam que a importância do corpo manifestava-se mais na sua adaptação à própria natureza e na

capacidade de a ela e nela sobreviver, do que em defender-se dos outros homens e adaptar-se às regras sociais por eles criadas (Silva apud MIRANDA, 2008).

Entretanto, para as mulheres o que representava o ideal de beleza era um corpo diferente daquele que realizava as práticas utilitárias e aparecem nas primeiras imagens do corpo feminino em esculturas, barros, ossos e rochas (Vênus de Lespugne, Vênus de Willendorf, Vênus de Laussel e Vênus de Kostenki) – Figuras 1, 2, 3 e 4.

É importante considerar que

Estas obras de arte realçam particularmente os atributos sexuais femininos, como os seios, os quadris e região das coxas, delegando a cabeça para segundo plano. As formas representadas são intencionalmente espessas, o ventre arredondado e saliente, os quadris largos, as coxas enormes, as pernas finas, os seios pesados e volumosos caindo até ao ventre. Tais esculturas remetem imediatamente para uma ideia de fertilidade, sendo que a mulher gorda era símbolo de saúde, abundância e prosperidade em tempos caracterizados por fomes e privações. (CORREIA apud MIRANDA, 2008, p.10)

Portanto, o ideal de beleza feminina estava ligado à fertilidade e o amor sublime do período era o amor materno.

2.2. A Vênus da Idade Antiga

Figura 5: Vênus de Capua.
Autor desconhecido (117-138
a.C.)



Figura 6: Venus de Milo
Autor desconhecido
(Séc.
II)



Figura 7: Afrodite de
Cnido. Praxíteles (340-
330
a. C)



Figura 8: Vênus Capiligia.
Autor desconhecido (Sec. II-I
a.C.)



A Idade Antiga compreende o período de tempo que vai do ano 4000 a.C. até o ano 476 d.C. Essa foi uma época onde se dava grande importância ao corpo e ele estava associado a valores como valentia, cidadania e honra, ou seja, valores éticos evidenciados no movimento cultural conhecido como Paidéia que tinha o corpo como um dos componentes essenciais da educação do cidadão antigo. Outro aspecto marcante na Paideia era a imitação dos deuses como referência corporal. Para ter um corpo semelhante ao dos deuses, os cidadãos davam extrema importância para a atividade física como propósito educativo. É relevante expor que a preocupação com o físico era estética (busca da beleza divina), mas também utilitário, pois havia a necessidade de formação do indivíduo que precisava se destacar nos aspectos militares (combate e defesa), religiosos (adoração aos deuses), competitivos (preparação para os jogos).

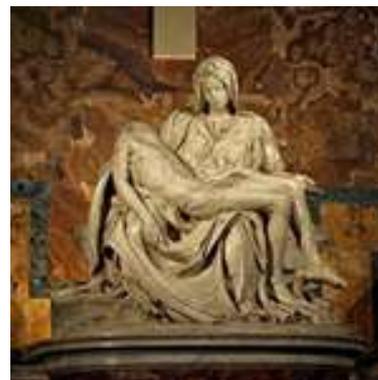
A representação de Vênus é de uma mulher jovem, bonita e seminua. Como ideal de beleza, seu corpo é escultural com medidas equilibradas e por isso, é também associada ao erotismo. Esse corpo se iguala aos corpos dos demais deuses, é um corpo divino. Um detalhe significativo evidenciado nas quatro Vênus analisadas (figura 5, 6, 7 e 8) é a erotização feminina em contraposição à virilidade dos homens. A beleza da mulher era delicada, celestial, graciosa e sensual, portanto sublime. Nunca antes na história da humanidade foi verificado exemplos de estátuas femininas com essas características.

Pode-se até mesmo afirmar que foi na Grécia que o corpo “nasceu”, adquiriu um lugar de destaque e foi fonte de culto para toda uma civilização (RAMOS, 1882).

A Vênus da Idade Média

A Idade Média é o período histórico que inicia no ano 476 d.C. e vai até 1453 d.C. Esse momento é considerado deveras obscuro tanto para as manifestações artísticas como para as manifestações corporais. Cabe ressaltar que nesse momento a atividade artística estava a serviço da igreja. Devido a esse fato não consta nenhuma obra significativa que retrate uma Vênus, então foi escolhida para análise a Pietà de Michelangelo (figura 9), pois ela é considerada uma personagem que representa o ideal de amor e beleza dentro dos preceitos da igreja católica. Com a cristianização, verifica-se que a Vênus foi paulatinamente sendo substituída pela figura da virgem Maria, a figura idealizada da mãe.

Figura 9: Pietà. Michelangelo (1498)



Para reforçar essa ideia recorreremos a seguinte análise:

o Cristianismo reconhece a dualidade corpo-alma, mas apenas valoriza a alma porque associa o corpo ao mal e vê-o como uma fonte de pecado. O corpo é nesta época entendido como uma sede de confrontos entre o bem e mal, sendo considerado como potenciador do pecado, lugar de tentações e perigoso (CORREIA apud MIRANDA, 2008, p.18).

Na contramão das Vênus antigas, agora só o rosto e as mãos aparecem, todo o resto está coberto. Não há sensualidade, graciosidade, delicadeza, mas piedade e compaixão. O corpo não pode ser mostrado e sim escondido, pois era relegado a segundo plano, tido praticamente como o envólucro da alma e essa sim era importante e cultuada. O único corpo glorificado era o corpo de Cristo, os demais eram considerados quase como um pecado. Mais uma vez a representação do corpo na obra de arte traz uma correspondência com os valores culturais e sociais da época.

Verifica-se que o período feudal é marcado como uma fase obscura para as manifestações corporais e culturais que tiveram tanta importância na formação do homem grego e romano. O corpo foi relegado a um segundo plano sendo o espírito e até mesmo o “resgate da humanização do homem” (para os bárbaros) a preocupação primordial do período. O homem feudal é diferente do homem grego, romano e também do homem burguês, eles são distintos pois os elementos convocados na formação de um e de outro são completamente diferentes. (ALMEIDA, 2015, p.35)

A Vênus da Idade Moderna

A modernidade tem seu início no ano de 1453 e termina em 1789. Diversos adventos marcam essa época e induzem mudanças no modo de pensar, agir e também na aparência e significado do corpo. Desse modo,

O ressurgimento das atividades corporais, a preocupação com o corpo vem ao encontro com as necessidades desta nova ordem social em formação. Com a valorização do indivíduo e da ciência, o corpo ganha destaque. Por isso encontra-se referência à educação corporal em inúmeros pensadores como Bacon, Locke, Da Vinci, Rousseau, Pestalozzi e outros, que

passa a ser valorizada enquanto elemento de educação.
(ALMEIDA, 2005, p. 37)

Na arte, o renascimento é um movimento que resgatou os princípios da Antiguidade Clássica, tanto que *“retomou sem pudores a representação do nú, como forma de apelo a uma restauração da harmonia entre o Homem e a Natureza.”* (MIRANDA, 2008).

Verifica-se nas figuras 11, 12 a 13 que o corpo retomou todo o seu esplendor. Não existe mais a dualidade corpo-mente da Idade Média, mas um corpo na sua totalidade. A Vênus de Botticelli (figura 11) é a primeira Vênus importante da Idade Moderna e foi inspirada na escola ateniense de arte (figura 10). A sensualidade também é recuperada da antiguidade, entretanto o corpo agora está totalmente descoberto, sem, no entanto trazer um caráter sexual. A personagem perde um pouco do seu caráter divino e assume um papel mais mundano e carnal. A deusa do amor e da beleza não é mais submissa, ela é plena. O mito do nascimento da Vênus também aparece com grande força nas Vênus modernas, pois há nos quadros referências à conchas e à água do mar.

Figura 10: Vênus Anadyomene. Apelles (332 – 329 a.C).



Fonte: www.all-arte.org

Figura 11: O nascimento de Vênus. Sandro Botticelli (1484–1486)



Fonte: www.all-arte.org

Figura 12: Nascimento de Vênus. Alexandre Cabanel (1864)



Fonte: www.all-arte.org

Figura 13: Nascimento de Vênus. Henri-Pierre Picou (século XIX)



Fonte: www.all-arte.org

A dedicação com cuidados corporais e a aparência que ele assume ao olhar do outro é um fenômeno que surge na modernidade (SILVA, 2001). O filósofo francês René Descartes (séc XVII) defende que o corpo passa a ser visto como uma máquina e expõe uma função autónoma, independentemente da natureza do eu e do mundo; neste sentido torna-se já perceptível a noção de indivíduo.

Figura 12: Vênus e Cupido. Peter Paul Rubens (1606-1611)



Fonte: www.all-arte.org

Nas figuras 12 e 13 esse conceito é retratado, pois ao utilizarem espelhos as Vênus apresentam a noção de reconhecimento do indivíduo, a identidade do ser. Outro fator de representatividade nessas pinturas é a importância dada à aparência, uma vez que elas admiram-se e o seu reflexo espreita o observador. Por isso, *“as preocupações com o*

corpo e, em especial, com as aparências, parecem caracterizar um novo indivíduo”. (SILVA, 2001, p.4)

Essa discrepância foi chamada de "Efeito Vênus" por pesquisadores da Universidade de Liverpool, que argumentam que desde que o espectador vê seu rosto no espelho,

Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.8, n.4 out/2018

Figura 13: Vênus e Cupido. Diego Velázquez (1647-1651)



Fonte: www.all-arte.org

Vênus está realmente olhando para o reflexo do espectador. (BERTAMINI, M. LATTO, R. SPOONER, A. 2003). Esses argumentos tornam-se fundamentais para a compreensão da gênese do indivíduo moderno e sua transposição para as obras de arte como *“um ser independente, autonomo e, assim, essencialmente não social”* (DUMONT, 1885, p. 75) que acredita basta-se a si mesmo reforçando uma sociedade que reforça essa crença no individual. Nas análises de ALMEIDA

Também a modernidade se responsabiliza pelo despertar de um interesse com a aparência do corpo (que se torna crescente até os dias atuais) como sinônimo de felicidade e bem estar físico e social. O narcisismo será por conseguinte um fenômeno a alastrar-se mais e mais. Por fim, essa ditadura da aparência incorrerá no erro da identificação da personalidade pela aparência além das patologias modernas como anorexia e bulimia. (ALMEIDA, 2005, p.43-44)

A Vênus da Idade Contemporânea

O ultimo período histórico analisado vai de 1789 aos dias atuais. Artistas expressivos no mundo da arte ainda se dedicam em retratar a deusa do amor e da beleza.

Podemos destacar eventos marcantes deste período, tal como a revolução francesa que inaugurará uma nova forma de pensar, pois a sociedade começa a reivindicar os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade. O ápice da revolução industrial também será crucial para a modificação da vida cotidiana. Após essas drásticas mudanças

No século XX, no rescaldo de duas grandes guerras mundiais, surge uma nova ordem social. O capitalismo cresce e com ele nascem enormes contradições de carácter social: por um lado o individualismo é sobrevalorizado, mas por outro há uma busca de uniformização de pensamentos e acções humanas. O corpo é objecto de várias experimentações e mutilações, tudo em prol de uma maior produtividade onde a performance física tem que atingir níveis de excelência. (CORREIA apud MIRANDA, 2008, P.14)

Adorno (1982) explica na sua obra “Teoria Estética” que vários artistas do século XIX rompem com as convenções e normas até então utilizadas e isso inaugura o movimento da Arte Contemporânea.

Figura 14: Vênus de Milo.
Salvador Dalí (1936)



Na Vênus de Salvador Dalí, figura 14, o corpo se mostra como um objeto (um móvel com gavetas). O corpo é coisificado. A humanidade que era tão explícita nas Vênus renacentistas dá lugar à desumanização. Quando o corpo é mostrado à semelhança de um objeto traz a tona a violência e a barbárie criando assim um embrutecimento coletivo onde as pessoas perdem a criticidade e a individualidade. O corpo está desprovido de subjetividade, o corpo está não sensível, o corpo está pouco humano. Ele passou a ser tratado como qualquer outro objeto, destituídos de sentimentos, pensamentos e aspirações. Esse fenômeno pode ser considerado como causa e consequência ao mesmo tempo, visto que é reflexo dos acontecimentos históricos, sociais, culturais e econômicos do período ao mesmo tempo em que educa novas consciências.

Portanto, a imagem do corpo é assim reificada com vistas a perpetuação de um sistema que ao fragmentar o indivíduo, desumaniza-

o, tirando-lhe a possibilidade de transformação da realidade. “A coisificação do corpo parece ser parte da educação dos sentidos

Figura 15: Venus and naked man. Pablo Picasso (1972)



Figura 16: Venus et Amour Picasso. Pablo Picasso (1967)



humanos na sociedade contemporânea e conseqüentemente de uma formação corporal danificada.” (ALMEIDA, 2005, p.107)

Outra observação importante é a de que a arte contemporânea vai assumir em muitos casos um conteúdo político. Isso é observável na Vênus de Picasso (figura 15 e 16), pois traz a representação de um corpo destruído, monstruoso, fora do lugar, desencaixado, deformado.

A ordem e a harmonia foram perdidas na sociedade de uma forma geral e também na inteireza do ser humano. Recorremos a Horkheimer para reforçar essa análise, pois o autor evidencia que: “a crise da razão se manifesta na crise do indivíduo, por meio da qual se desenvolveu.” (HORKHEIMER, 1976, p.19).

CONCLUSÃO

Um dos aspectos que constitui uma obra de arte é o conteúdo social presente no fazer artístico. A dimensão histórica do corpo nestas

produções, qual seja a condição de produção das obras de arte é determinante para a representação corporal retratada, pois as imagens do corpo são resultado de uma construção social.

Definitivamente as características artísticas do corpo das Vênus analisadas neste estudo sofreram influências dos complexos culturais sociais e econômicos de cada período histórico que foram produzidas. Em todos os períodos históricos analisados a representação do corpo na obra de arte traz consigo uma correspondência com os valores culturais e sociais de uma época.

Conclui-se que a representação do corpo na obra de arte é consequência das relações de poder entre política e cultura, envolvendo variados interesses sociais econômicos. Na linha histórica do tempo, o corpo, essa singularidade multifacetada, paulatinamente parece perder sua inteireza, identidade sensorial e liberdade.

Enfim, elementos como o distanciamento dos sujeitos da totalidade (que reforça a convicção no individualismo) e produção da vida numa sociedade demasiadamente racional acabam forjando um indivíduo com o corpo extremamente adestrado, coisificado, fetichizado e vazio. Constatou-se que a forma de tratar o corpo está extremamente relacionada à forma que a sociedade se organiza.

Figura 17: Vênus. Marcelo Maria de Castro (2018)



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. Corpos suspensos e emoldurados:arquétipos de uma educação danificada. Dissertação – Maringá: Universidade Estadual de Maringá. 2005.

ADORNO, T. Teoria estética. (Tradução de Artur Mourão). São Paulo: Martins Fontes, 1982.

BERTAMINI, M; LATTO, R; SPOONER, A. The Venus effect: people's understanding of mirror reflections in paintings. Disponível em: <http://www.liv.ac.uk/~marcob/Publications/BLS2003.pdf>. Acesso em 03 abr. 2018.

DUMONT, L. O individualismo. Rio de Janeiro: Rocco.1985

FREITAS, V. Adorno e a arte contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2003.

HORKHEIMER, Max. / Trad. de Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.

MIRANDA, I. G. B. B. As representações da estética do corpo feminino. Monografia (Faculdade de Desporto) – Lisboa: Faculdade de Desporto Universidade do Porto. 2008.

RAMOS, J. J. Os exercidos físicos na historia e na arte: do homem primitivo aos nossos dias. São Paulo. Ibrasa, 1982.

SILVA, A. M. Corpo, ciência e mercado. São Paulo: Autores Associados. 2001.

SOARES, C. L. Imagens da Educação no corpo. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.